

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME IX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1970

ELEMENTOS DE FREIOS TARDO-ROMANOS DE CONIMBRIGA

Desde o século iv ao vi, atingindo possivelmente o século vu, generalizou-se um tipo de freio constituído por dois estribos laterais com aselha superior para suporte das correias da cabeça e com um orifício circular no qual se encaixava um bridão de ferro. Nas extremidades do bridão, na parte exterior de cada estribo, existia uma argola onde vinham prender-se as rédeas (Est. II, 5).

Quanto à forma podemos distinguir três tipos essenciais de estribos:

- A) — Placa circular, decorada, com um orifício para a passagem do bridão localizado no centro ou deslocado para a base.
- B) — Aro curvilíneo, sem decoração, com o orifício para o bridão deslocado para a parte inferior da peça.
- C) — Placa de perfil em S, com decoração zoomórfica; o orifício para a passagem do bridão foi deslocado consoante as necessidades decorativas.

As aselhas aparecem com formas triangulares, trapezoidais e rectangulares, independentemente da forma geral do estribo.

Nas peças do grupo A distinguem-se as rodas vasadas em chapa de bronze cortada a buril ou troquei e as rodas decoradas com figuras de cavalos, fundidas em moldes. O grupo B apresenta peças vasadas em molde aberto e, nalguns casos, afeiçoadas com turquês. O grupo C é constituído por placas fundidas em moldes bivalves.

Freios deste tipo foram muitas vezes mal identificados.

No Norte de Africa (1) e em Portugal (2) foram tidos respectivamente por «faleras» ou «peças de arreo de cavalo» sem mais precisão. Mesmo Paiol, que dedicou especial atenção a estes objectos e deles se ocupou largamente, hesitou bastante sobre a sua identificação nos primeiros trabalhos que lhes dedicou e chegou a admitir a hipótese de que se tratasse de broches utilizados em arreios de cavalo ou em carros (3).

Posteriormente, com a aparição do freio quase completo da colecção Fontaneda (4), confirmou-se a utilização destas peças como elementos de freios.

No seu esquema essencial — peças circulares com perfuração central e aselha superior — os estribos tardo-romanos não representam uma inovação. Efectivamente, em sítios romanos (5) datados do século i, aparecem estribos com estes dois elementos, embora apresentem ligeiras alterações de forma. No século iv e seguintes apenas se adaptaram, a uma forma já antiga, motivos decorativos em voga.

Dentro da mesma cronologia — séculos iv e seguintes — encontramos um grupo de rodas vasadas ou decoradas com cavalos que merecem especial atenção.

São rodas que apresentam as seguintes alternativas: perfuração central e ausência de estribo (6); ausência de perfuração central, mas presença de estribo (7) e, finalmente, ausência tanto de perfuração como de estribo (8). A interpretação mais provável para o seu emprego é a que vê nelas simples faleras para adorno de arreios.

(1) Christiane Boube-Piccot, «Note sur l'existence d'ateliers de bronziers à Volubilis», *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, V (1964), pp. 195-198.

(2) D. Fernando de Almeida, «Arte Visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série, IV, (1962), pp. 247-248.

(3) P. de Paiol, «Algumas piezas de adorno de arnés de época tardorromana e hispanovisigoda», *A E Arq.*, XXV (1952), p. 303.

(4) P. de Paiol, «Bronces Romanos de la Provincia de Palencia», *B S A A*, XXXIII, (1964), p. 237.

(5) Günter Ulbert, *Die Römische Donau-Kastelle Aislingen und Buirghofe*, Berlin, 1959, fig. 13; n.ºs 16, 17.

(6) P. de Paiol, «Algumas piezas de adorno de arnés de época tardorromana e hispanovisigoda», *A E Arq.*, XXV, (1952); pp. 306-307, fig. 1D.

(7) D. Fernando de Almeida, *art. cit.*, est. LXIX, n.º 376, p. 247.

(8) P. de Paiol, *art. cit.*, fig. 3, 12, p. 305.

PaioI agrupa os estribos de freios segundo os temas decorativos:

- 1 — Rodas com decoração vasada de temas geométricos.
- 2 — Temas cristãos: crismones.
- 3 — Cenas várias.
- 4 — Cavalos.
- 5 — Temas de estilização zoomórfica.

Em face dos dois estribos, sem qualquer decoração, encontrados em Conimbriga (Est. II, 1 e 2), consideramos esta tipologia pouco compreensiva.

Assim a classificação destas peças deverá antes articular-se em:

- I — Estribos não decorados.
- II — Estribos decorados.

Para a primeira alínea oferecemos um tipo com duas variantes. Para a segunda aceitamos a tipologia de PaioI.

Problema complexo é o da filiação estilística dos bronzes de esquema heráldico.

No século iv, a arte cristã peninsular teve o seu ponto culminante dominado pelas formas e espírito romanos. A pouco e pouco, esta influência foi diminuindo e deu-se, então, o ressurgimento das tendências artísticas locais amalgamadas com grandes influências orientais. Foi dentro do novo ambiente artístico que nasceram estes bronzes. Persistiram, todavia, certas influências romanas como, por exemplo, leões, panteras e grifos afrontados, copiados ou inspirados em baixos relevos imperiais, e animais com cabeça voltada para trás representados em diversas obras metalúrgicas da Europa Central durante os séculos iii e iv.

A estas influências ocidentais juntou-se uma outra corrente — a oriental — que lhes imprimiu um cunho muito particular. É a corrente animalística Scito-Sármata.

Os Seitas, povo nómada do Sul da Rússia, criaram um estilo animalístico próprio. Exploraram os motivos naturais, com preferência pelos animais, que aparecem sempre em estado selvagem, com excepção do cavalo. As figuras são harmoniosas, estilizadas, mas com certo aspecto irreal.

Com o advento dos Sármatas, já no século i d.C, a arte dos Seitas conservou os seus temas mas sofreu modificações de estilo. Nasceu assim o geometrismo e as superfícies reservadas aos membros e ao corpo dos animais passaram a ser preenchidas por linhas e, em alguns casos, cravejadas com pedras preciosas.

No século ui os godos chegaram ao Sul da Rússia e aí contactaram com o estilo local. No século iv, foram expulsos pelos Hunos e começaram então a sua caminhada pela Europa até atingirem a Península Ibérica. Infelizmente o papel dos godos como introdutores deste estilo na Península carece de confirmação arqueológica. Toda uma série de problemas, tais como a ausência de objectos de estilo animalístico nos cemitérios godos peninsulares e nos diversos sítios localizados nas vias percorridas por este povo, através da Europa, foi já perfeitamente definida por Paiol (9) e aguarda solução.

ANÁLISE DOS ESTRIBOS ENCONTRADOS EM CONÍMBRIGA

I Grupo — Estribos em forma de aro curvilíneo, sem decoração, com o orifício para a passagem do bridão deslocado para a parte inferior da peça e com aselha na parte superior.

Distinguimos duas variantes:

- 1) Não há distinção propriamente dita entre o corpo do estribo e a aselha (Est. II, 1). Daí resulta para a peça a forma de um 8, com a parte inferior mais larga.
- 2) Corpo em forma de bolbo e aselha rectangular (Est. II, 2).

Para a variante 1 encontramos paralelo idêntico no freio representado no mosaico do «tepidarium» da villa romana de Dueñas (10), datado do segundo quartel do século iv.

(9) P. de Paiol, «Bronces de amés con representationes zoomórficas», *Ampurias*, XV-XVI (1953-1954), pp. 291-292.

(10) P. de Paiol, «Das Okeanos-Mosaik in der Römischen Villa zu Dueñas», *Madridrer Mitteilungen*, 8 (1967), Abb. 3, Farbtafel 4.

A análise atenta dos elementos do freio representado neste mosaico revela a existência de uma peça mal interpretada e desnecessária. O estribo, como vimos,

Para a variante 2 não conhecemos paralelo exacto.

II — Grupo. (Tipo V de Palol) — Caracterizado por temas de estilização zoomórfica.

Neste grupo destacamos os exemplares (Est. I, 1 e 2) que pertencem ao mesmo freio.

Como elemento decorativo central e principal apresentam dois animais afrontados com corpo de pantera e cauda de réptil. Os elementos decorativos secundários são constituídos por peltas e conchas. O estilo da juba, das patas e das escamas dos animais é semelhante ao do exemplar do Museu Arqueológico de Madrid (11). Neste exemplar e no proveniente da «villa» romana de Pedrosa de la Vega, Palencia (12), encontramos um tipo de peita semelhante ao das nossas peças, com um sulco periférico paralelo à linha exterior da peita. A concha, elemento muito comum em toda a arte tardo-romana, é achatada, com número de sulcos variável entre 4 e 7 e com pequenos traços radiados na orla externa. Os botões terminais do estribo superior parecem não ter significado cronológico. Tanto aparecem em peças do século i, como em peças tardias.

Para as argolas de ligação das rédeas, com cinco sulcos profundos, encontramos paralelo nas argolas dum freio proveniente do túmulo de Celles, datado de cerca de 180 d.C. (13).

era suficiente para suporte do bridão, das correias da cabeçada e, indirectamente, das rédeas. Por outro lado nos travessões laterais era comum a presença de dois orifícios, um superior e outro inferior, destinados à ligação da cabeçada. Ora, este pormenor essencial não aparece no travessão representado no mosaico. Cremos que o desconhecimento, por parte do mosaísta, do correcto funcionamento dos dois tipos de freio o levou a sobrepôr na mesma representação dois elementos laterais distintos, mas equivalentes — um estribo e um travessão.

(11) P. de Paiol Salellas, «Bronces de arnés con representationes zoomórficas», *Ampurias*, XV-XVI (1953-1959), p. 286, n.º 10.

(12) P. de Palol, «Bronces Romanos de la Provincia de Palencia», *B S A A*, XXXIII, (1967), Lam. VI, 1.

(13) M. Armand, *Nos tumulus Splendeurs Impértales*, Bruxelles, (1969), fig. 15.

Infelizmente a fig. 15 não apresenta escala; comparando as dimensões das argolas com as do bridão, este parece demasiado pequeno para ser utilizado num cavalo. Problema idêntico se levanta para o freio de Cubilles de Cerrato (Palencia). P. de Palol, «Algunas Piezas de Adorno de Arnés», *A E Arq.*, XXV, (1952), p. 303.

Paiol, nos trabalhos atrás citados, afirma que as peças de esquema heráldico por ele estudadas foram decoradas a cinzel depois de fundidas. O mesmo não acontece com os exemplares de Conímbriga. São peças fundidas em moldes bivalves, nos quais se encontrava já toda a decoração. Como trabalho posterior apenas encontramos vestígios de lima para eliminação das rebarbas, perfurações e avivamento de alguns pormenores decorativos.

Nas peças n.ºs 3 e 4 os orifícios circulares perfurados foram abertos com lima de secção circular, acontecendo o mesmo com os buracos da boca e do cimo do «cantharus» da peça n.º 5. Nos exemplares n.ºs 3 e 4 avivou-se os sulcos das conchas e os sulcos periféricos das peitas. Para o exemplar n.º 5 a técnica de decoração do corpo de «cantharus» parece ter sido um misto de «tracing» e de «engraving» (14).

É também curioso notar a existência dum molde para cada estribo do mesmo freio. Justapondo os estribos n.º 3 e 4, pertencentes ao mesmo freio, é nítido o desajustamento entre eles.

São notáveis as semelhanças estilísticas entre estes dois estribos de Conímbriga e o do Museu Arqueológico de Madrid (15). Embora os nossos estribos apresentem uma superabundância de elementos decorativos em relação ao de Madrid, mais sóbrio e elegante, apresentam todos a mesma técnica de fabrico e uma surpreendente coincidência na execução e no desenho dos pormenores suplementares. Isto nos leva a atribuí-los, ainda que com reservas, à mesma oficina.

Atendendo ao equilíbrio da composição, à forma de estilização e à boa técnica de fabrico, propomos para estes elementos de freio uma datação que medeia entre fins do século iv e princípios do século v.

A peça (Est. II, 3), já publicada por Paiol (16), é um exemplar

(14) O processo que os ingleses designam por «tracing» consiste em abrir linhas por martelagem do metal com um punção de ponta romba, operação essa que não remove o metal deslocado. Pelo contrário, no segundo processo, as linhas são abertas com uma ferramenta de ponta em V, bem afiada, que corta o metal e o remove, deixando quase sempre alguns finos resíduos encaracolados ao longo do sulco e na sua terminação. (Cf. Mitten and Doering, *Master Bronzes from the Classical World*, The Fogg Art Museum, 1968, pp. 12-13).

(15) P. de Palol Salellas, «Bronces de arnés con representationes zoomórficas», *Ampurias*, XV-XVI (1953-1954), p. 286, n.º 10.

(16) P. de Palol, «Bronces Romanos de la Provincia de Palencia», *B A S A*, XXXIII, (1967), p. 240.

curioso. É fundida em molde bivalve. Como elemento central aparece o «cantharus» ladeado pelas tradicionais panteras afrontadas.

Concordamos com a datação tardia proposta por aquele autor. Trata-se, possivelmente, duma peça executada nos fins do século v ou mesmo princípios do vi, não só pela forma rude de tratar os animais, mas também pelo tipo de «cantharus» (17) que Briesenick situa na primeira metade do século vi.

Peça idêntica, com o galão entre o colo e bojo, é-nos dada num mosaico tardio do Líbano (18).

Paiol chama a atenção para a semelhança de estilo entre esta peça de Conímbriga e a do Museu Arqueológico de Barcelona. As peças revelam um gosto romano bem distinto do espírito oriental que presidiu ao traçado das peças da estampa 1,1 e 2 e do seu paralelo de Madrid.

Do estribo (Est. II, 4) pouco poderemos dizer. É um exemplar muito incompleto, de reduzidas dimensões, fundido em molde bivalve. O que resta sugere vagamente a cabeça de um canino, mas o trabalho é mau e não oferece quaisquer pormenores ornamentais.

CATÁLOGO

N.º 1 (Est. II, 1)

Proveniência: Conímbriga, escavações anteriores a 1962(19); Museu Monográfico de Conímbriga; Inventário A. 914. Ferro. Peça fundida num só elemento.

Aro de secção rectangular, contracurvado, de modo a formar aproximadamente um 8. Na base, vestígios do sitio onde se abria o furo para inserção do bridão.

Altura máx.: 90 mm. Largura máx.: 68 mm.

N.º 2 (Est. II, 2)

Proveniência: Conímbriga, escavações anteriores a 1962; Museu Monográfico de Conímbriga; Inventário A. 915. Ferro. Dois estribos do mesmo freio sendo cada um deles fundido numa só peça.

(17) Brigitte Briesenick, «Typologie und cronologie der Südwest-Gallischen Sarkophage», *Jahrbuch des Römischen-Germanischen Zentralmuseum Mainz*, 9 (1962), p. 178, C.

(18) M. Chehab, «Les caractéristiques de la mosaïque du Liban», *La mosaïque Greco-Romaine*, Paris, 1963, p. 336, fig. 10.

(19) Desconhecemos a estratigrafia destas escavações de que não ficaram relatórios.

AJO de secção rectangular, curvado de modo a formar um corpo bolboso e contracurvado e apertado com turquês para afeição na parte superior uma aselha rectangular. Na base, orifício ovalado pelo contacto persistente do bridão que se lhe prendia.

Altura máx.: 96 mm. Largura máx.: 89 mm.

N.º 3 e 4 (Est. I, 1 e 2)

Proveniência: Conimbriga, escavações anteriores a 1962; Museu Monográfico de Conimbriga. Inventário A. 511 e A. 512. Estribos de bronze com a haste do bridão de ferro. Dois estribos do mesmo freio.

Peça simétrica formada por duas panteras afrontadas, abocanhando um orifício circular, de secção rectangular, que é atravessado por uma haste de ferro de secção circular, com a ponta revirada onde se insere uma argola de bronze, canelada. Na parte superior, aselha aproximadamente triangular, com saliências esféricas nos dois vértices da base e decorada com ranhuras. Conchas e peitas completam a decoração.

N.º 5 (Est. II, 3)

Proveniência: Conimbriga, escavações anteriores a 1962, H6, ângulo NE do edifício das termas; Museu Monográfico de Conimbriga; Inventário: A. 309. Bronze.

Peça simétrica, tendo ao centro um «cantharus» cujo bojo canelado é separado do colo por uma faixa de botões. De cada lado afrontam-se duas panteras cujos membros dianteiros se erguem para formar as asas do «cantharus» dobradas em ângulo agudo. O corpo dos animais é ornamentado com pontos e traços numa vaguíssima sugestão de pelos.

Base da peça aproximadamente triangular e com perfuração para o bridão.

Altura máx.: 107 mm. Largura máx.: 85 mm.

N.º 6 (Est. II, 4)

Proveniência: Conimbriga, escavações anteriores a 1962, G 4; Museu Monográfico de Conimbriga; Inv. A. 913. Bronze.

Saliência tubular abocanhada por cabeças de cães (?) afrontadas.

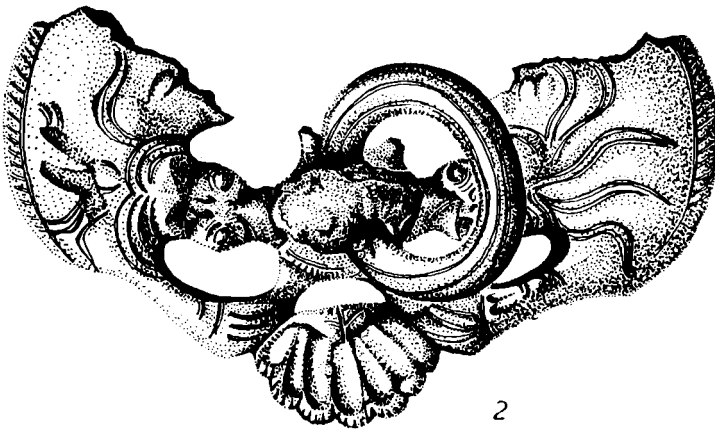
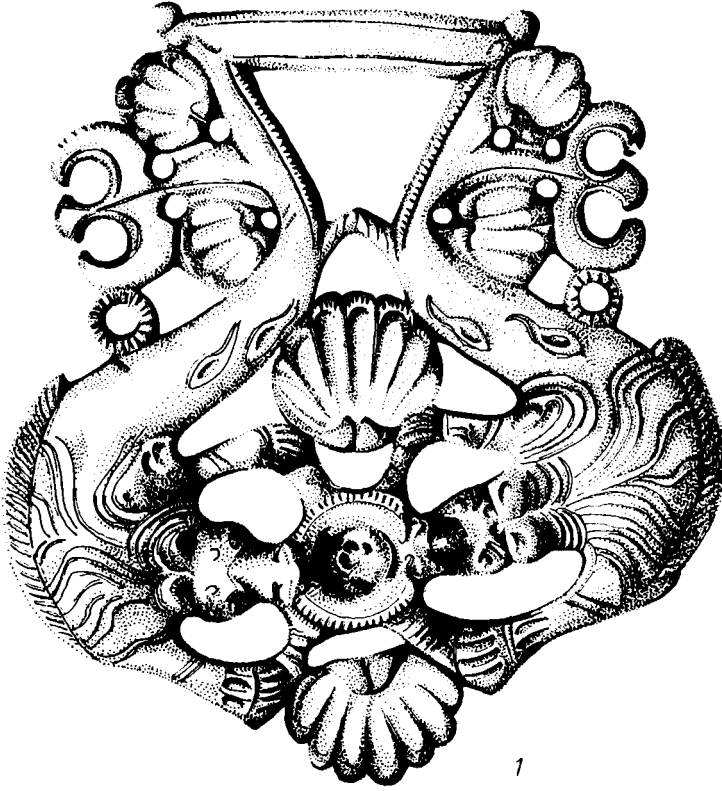
Altura máx.: aproximadamente 40 mm.

N.º 7 (Est. II, 5)

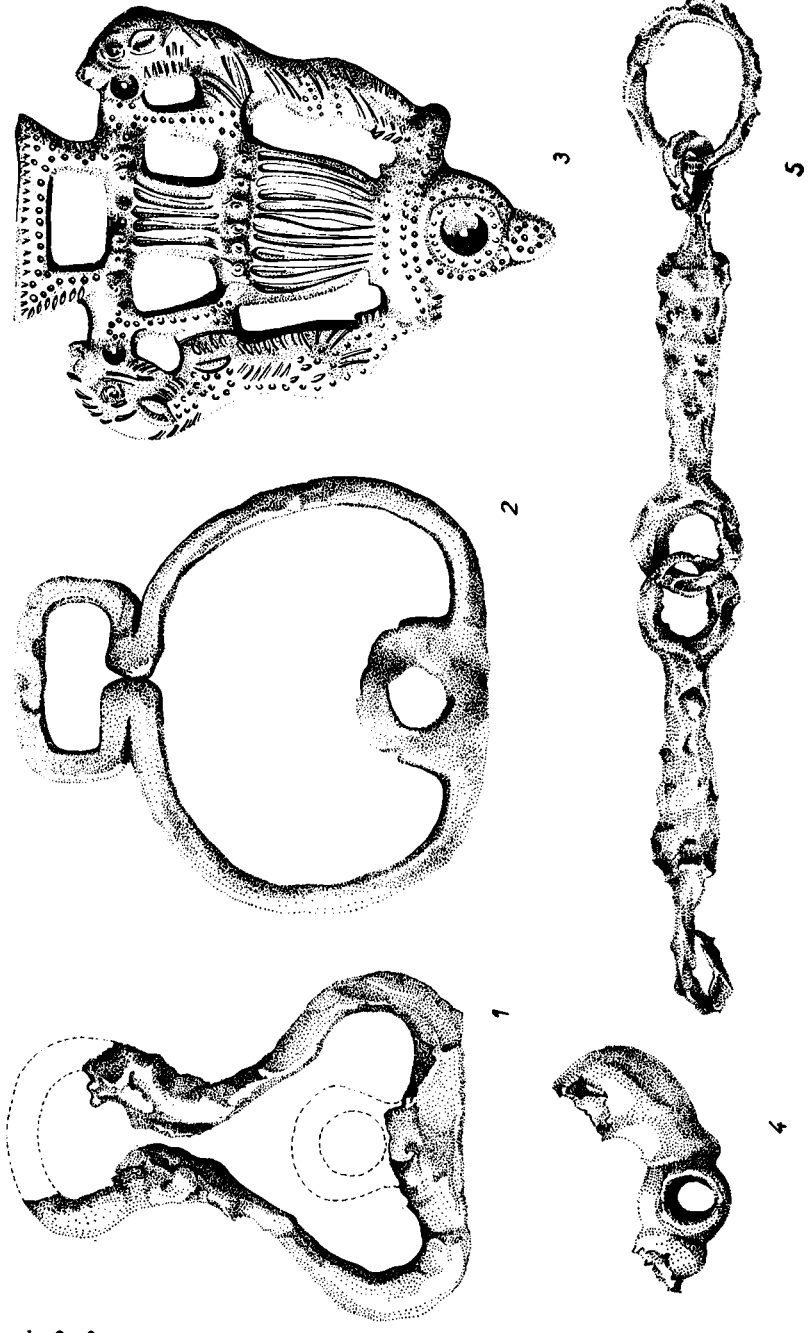
Proveniência: Conimbriga, escavações anteriores a 1962; Museu Monográfico de Conimbriga; Inventário A. 705. Ferro.

Peça formada por 3 elementos interligados. Ao centro, hastes em forma de tronco de cone, terminadas, num dos lados, por um anel e, no outro, por um gancho onde se insere uma argola elíptica de secção rectangular.

Comprimento: 200 mm.



Est. II



Escala 2 : 3